Arte reciclada e a quebra da inércia do descarte através da transformação de materiais banais

GIOVANA FERREIRA DE MENEZES; DANIEL ALBERNAZ ACOSTA

Centro de Artes, UFPEL – gferreiradem@gmail.com
Centro de Artes, UFPEL – d.acosta@terra.com.br[3]

1. INTRODUÇÃO

O campo das artes visuais não se isenta do uso de materiais insustentáveis decorrente da industrialização acelerada do cotidiano. Esta pesquisa investiga esculturas de materiais reciclados como dispositivos de encontro socioambiental, articulando escultura, ludicidade e participação. Apoiando-se na Estética Relacional de Bourriaud (2009) e nas experiências participativas de Clark (1980), as obras buscam deslocar o espectador de observador passivo para participante ativo. A ludicidade atua como estratégia de resistência e reflexão crítica, alinhada ao conceito de alegria como força maior de Rosset (2000).

Adicionalmente, adota-se a metáfora animal de Berger (2021) para projetar híbridos que fundem o natural e o industrial, expondo as fronteiras difusas entre natureza, tecnologia e cultura. Como exemplo poético, analisa-se a escultura Ermitão, de autoria própria, exposta em ambiente público. O objetivo do trabalho é demonstrar como o diálogo entre materiais descartados, participação do público e criação lenta pode romper a inércia cotidiana do descarte.

2. METODOLOGIA

A metodologia baseia-se na coleta e observação de materiais descartados para sua ressignificação poética, articulando produção prática e revisão bibliográfica. A escultura Ermitão foi desenvolvida a partir de roupas e retalhos em desuso, estruturados com espuma de colchão usado. O processo de união deu-se por costura manual lenta e artesanal, contrastando diretamente com a temporalidade industrial.

Posteriormente, realizou-se uma saída de campo (intervenção urbana) no calçadão comercial de Pelotas, caracterizado por alto fluxo de pessoas e consumo acelerado. A metodologia consistiu na observação da reação do público e na facilitação de diálogos orgânicos motivados pela interação com a escultura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A intervenção urbana evidenciou a eficácia do Ermitão como dispositivo de quebra do cotidiano. A concha de retalhos atraiu a atenção pública e serviu como espaço confortável para pausa e reflexão. Ao sentarem-se, pedestres

expressaram o cansaço diário e a falta de espaços públicos de descanso gratuitos fora de locais privados.

Essas interações propiciaram conversas espontâneas e críticas sobre o estilo de vida acelerado, consumo, lucro e descarte. Os participantes reconheceram-se vítimas desse processo de aceleração. O contraste material da escultura, fruto do fazer manual e lento, funcionou como denúncia física e poética contra a velocidade do consumo.



fig.1 - Autora sentada na escultura Ermitão, descansando.



fig.2 - Funcionárias da loja sentadas no Ermitão, conversando.

4. CONCLUSÕES

A intervenção comprovou que aproximar produções escultóricas sustentáveis e interativas do público é frutífero para estimular a reflexão crítica socioambiental. A arte relacional lúdica alcançou o objetivo de quebrar a inércia do descarte. Conclui-se a relevância de continuar as saídas de campo, promovendo novas oportunidades de diálogos e trocas de aprendizados entre arte e sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGER, John. Por que olhar para os animais? In: BERGER, John. Por que olhar para os animais? Tradução de Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Fósforo, 2021. p.17-41.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CLARK, Lygia. Lygia Clark: textos de Ferreira Gullar, Mario Pedrosa e Lygia Clark. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

ROSSET, Clément. Alegria: a força maior. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.